



**KANTATA
DE ALGIBEIRA**



**UM CORO
FALADO
SOBRE O
DINHEIRO**

**LEILÃO
D'ARTE
ANGARIAÇÃO
DE FUNDOS**

**MÁRIO
DIONÍSIO
50 ANOS
DE PINTURA**





1. HORÁRIO DE ABERTURA

A partir de 1 de Maio de 2013, com alguma dificuldade mas com muito gosto, a Casa da Achada voltou ao seu horário habitual. Não foi por ter entrado dinheiro, mas porque nos apetecia mesmo.

Abertura da Zona Pública 5 dias por semana: **segundas, quintas e sextas das 15h às 20h; sábados e domingos das 11h às 18h.** Os «fins-de-semana» continuaram a ser às terças e quartas. Para aqueles que ainda têm trabalho nos poderem visitar aos sábados e domingos e aqueles que aqui trabalham se poderem manter de pé.

A partir de Outubro, o terreno em frente está aberto no mesmo horário, para quem queira usar os **LIVROS LIVRES** – biblioteca de trocas. (Ver p. 9)



2. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Tem continuado o tratamento do Espólio de Mário Dionísio, nomeadamente a digitalização dos documentos e a introdução da sua catalogação numa base de dados: importantes dossiers temáticos organizados por M. D. (Associação Internacional de Críticos de Arte, Prémio Internacional de Literatura, Grande Prémio de Ensaio, Rencontres Internationales de Genève, Conselho Mundial para a Paz, Portinari), além dos muitos Recortes de Imprensa (RI-DA e RI-SA) e textos publicados na imprensa periódica não incluídos em dossiers.

Começou finalmente a ser tratado o ficheiro pessoal de Mário Dionísio, constituído por milhares de fichas, arrumadas em pequenas gavetas de madeira.

Virá a seguir o tratamento dos originais de M. D. e de terceiros. Mas já estão digitalizados os diários, consultados e utilizados para a edição **MÁRIO DIONÍSIO POR MÁRIO DIONÍSIO**. Foram sendo consultados documentos do Arquivo, nomeadamente para trabalhos que se vão fazendo longe daqui.

A Biblioteca de MD-ML tem continuado a ser utilizada para as sessões do **Ciclo A Paleta e o Mundo III** e de **Livros das Nossas Vidas**.



3. EXPOSIÇÃO MÁRIO DIONÍSIO – VIDA E OBRA

Continua a itinerância da exposição **MÁRIO DIONÍSIO – VIDA E OBRA** que, depois de ter estado na Escola Secundária de Camões, na Biblioteca Municipal de Coimbra, na Escola Secundária José Gomes Ferreira, na Bi-

4.º ANIVERSÁRIO

PROGRAMA DOS TRABALHOS (FESTIVOS...)

Aquando do nosso terceiro aniversário (a que dedicámos a 1.ª página da Ficha 5), pudemos fazer um levantamento, também estatístico, do que foi o painel dos múltiplos, variados & (voluntariamente) esforçados trabalhos da nossa Associação.

De então para cá, mais trabalhos se somaram – esses que podem ser seguidos nas colunas laterais das nossas Fichas – e que são sinais não apenas do esforço e dedicação de muitos colaboradores mas sobretudo duma vontade de intervenção – cultural enquanto política e política enquanto cultural – de ecos extensíveis às pessoas que nos honraram com a sua presença e participação.

Chega agora o momento de soprarmos as velas celebratórias dos 4 anos de actividade contínua, não esquecendo porém os 5 anos decorridos desde a hora inaugural da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, a 29 de Setembro de 2008. Assim é que, na semana que se inicia a 29 de Setembro e se prolonga até 5 de Outubro (e viva a República!), dispomo-nos a apresentar a público uma programação de que damos aqui alguns tópicos.

29 de SETEMBRO a 5 de OUTUBRO 2013	
4.º ANIVERSÁRIO	
<p>09h 30m</p> <p>Inauguração da exposição</p> <p>OBRAS DE ARTE EM LEILÃO</p> <p>pinturas, desenhos, gravuras, cerâmica e fotografias de século XX</p> <p>Inauguração</p> <p>MÁRIO DIONÍSIO POR MÁRIO DIONÍSIO</p> <p>com Mário Dionísio e?</p> <p>Inauguração</p> <p>FICHA 7</p> <p>Notícias do Ciclo da Achada</p> <p>CORDA DA ACHADA</p> <p>como uma sala de fuga</p> <p>alargando os limites</p> <p>e outras canções</p> <p>10h 30m</p> <p>10h30</p> <p>celebração do ciclo</p> <p>A PALETA E O MUNDO III</p> <p>uma hora de cinema</p> <p>com os livros</p> <p>comentários de leitores</p> <p>21h30</p> <p>celebração do ciclo de cinema</p> <p>com os livros</p> <p>TEMAS NA ACHADA</p>	<p>10h 15m</p> <p>semana de canto falado</p> <p>KANTATA DE ALGIBEIRA</p> <p>na Jardim de Inverno do São João</p> <p>10h 30m</p> <p>10h30</p> <p>conversa</p> <p>O ARQUIVO MÁRIO DIONÍSIO</p> <p>a que foi, como vai-lo</p> <p>10h30</p> <p>Inauguração da</p> <p>MEDIATECA DA ACHADA</p> <p>10h 30m</p> <p>10h30m</p> <p>preparação e respostas</p> <p>O PÚBLICO E O PRIVADO</p> <p>a que é, para que serve</p> <p>10h 30m</p> <p>10h30m</p> <p>uma versão de</p> <p>KANTATA DE ALGIBEIRA</p> <p>na Largo da Achada</p> <p>10h 30m</p> <p>10h30m</p> <p>leilão d'arte</p> <p>inauguração de trabalhos</p> <p>para a Casa da Achada</p>

Leilão d'Arte



Dezenas de obras oferecidas pelos autores e por outros à Casa da Achada serão leiloadas no dia 5 de Outubro, estando em exposição a partir de 29 de Setembro. É uma forma de mostrar obras de arte que nem toda a gente conhece e tentar garantir a sobrevivência da Casa da Achada. Ver catálogo no nosso site e impresso. Notícia mais detalhada p. 10

Kantata de Algibeira



Não é uma cantata nem uma opereta, nem uma ópera dos pobres. É um coro falado de gente vária, são vozes e sons que andam pelas ruas de Lisboa, por centros sociais, por recolhimentos, por ATLS, por escolas, ➔



2008: fundação da Casa



2009: abertura



2010: 1.ª vela

bioteca de Alhos Vedros, na Biblioteca Municipal de Figueiró dos Vinhos, na sala de exposições da cafetaria Duas de Letra no Porto, na Biblioteca Municipal Fernando Pitteira Santos, na Amadora, no Centro de Interpretação e Educação Ambiental do Cais da Vala da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, na Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira, passou para a Biblioteca Municipal do Seixal e para a Biblioteca Municipal de Benavente.

São 13 painéis com textos e imagens que dão conta dum itinerário bastante esquecido. Foi publicado um livro-catálogo na Colecção Mário Dionísio, o n.º 4, com a reprodução dos painéis e textos inéditos sobre Mário Dionísio.

4. MÁRIO DIONÍSIO, ESCRITOR E OUTRAS COISAS MAIS

De Janeiro a Junho, Maria Alzira Seixo, uma das fundadoras da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, veio uma vez por mês fazer uma sessão sobre a obra literária de Mário Dionísio: **1. Autobiografia, crítica e ensaio:** Ler e escrever. Pensar e fazer pensar. Caminhos de perfeição. As «Fichas», o estudo sobre Guilherme de Azevedo (1949), o caso Redol, os Prefácios (anos 70). **Autobiografia**, 1986. **2. A poesia:** Poesia e intervenção: *Poemas*, 1941; *As Solicitações e Emboscadas*, 1950. Poesia e construção de arte: *O Riso Dissonante*, 1950; *Memória dum Pintor Desconhecido*, 1965. Poesia e experiência: *Terceira Idade*, 1982. **3. O conto:** *O Dia Cinzento*, 1944: neo-realismo de expressão urbana; ambientes, acção e linguagem. *Monólogo a Duas Vozes*, 1986: autonomia narrativa, conflito e sátira. *A Morte é para os Outros*, 1988: realismo reflexivo e formas de alteridade. **4. O conhecimento da arte:** Os estudos sobre Van Gogh, 1947 e 53, e Júlio Pomar, 1948. *Paleta e o Mundo*, anos 50 e 60. Do saber à problematização. Da prática à pedagogia. Artes plásticas e artes literárias. A fruição da obra de arte em sequência de conhecimento. **5. O romance** *Não há Morte nem Princípio*, 1969. Herança literária, técnica narrativa e textualização da experiência modernista. Um relato singular. Convergências estéticas e inovação. **6. Conclusões, dissensões e aberturas.** Um olhar sobre a pintura dionisiana. Perspectiva comparatista: o traço e a frase, o encadeado das manchas e a segmentação discursiva, arquitecturas visuais e textuais.

Maria Alzira Seixo realizará, no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, a partir de Janeiro próximo, estas mesmas sessões, noutra formato.

Três fundadoras da Casa da Achada falaram de três facetas de Mário Dionísio durante a V Feira da Achada: Eduarda Dionísio, da sua intervenção política; Cristina Almeida Ribeiro, da sua obra de escritor; Regina Guimarães, da sua pintura.

Em Agosto, Antonino Solmer e Sofia Ortolá leram dois contos de Mário Dionísio de *O DIA CINZENTO E OUTROS CONTOS*, que falam do Verão: «Morena-Vulcão» e «Tarde de Agosto».

Em Setembro, Paula Oleiro, que se interessou pela relação de Mário Dionísio com Cascais, pegou nesse tema, explicou, leu e falou. E esta série de sessões – palestras, conversas e leituras – continua mensalmente.

Em Outubro: uma visita guiada à exposição **Mário Dionísio – 50 anos de pintura.**

4.º ANIVERSÁRIO

→ pelo Coro da Achada. Ponto de partida: um texto de Regina Guimarães sobre o dinheiro, com música de João Paulo Esteves da Silva. Três meses de trabalho com Margarida Guia, acompanhada por F. Pedro Oliveira, e muitos mais. O dia da música será assinalado com este espectáculo no Jardim de Inverno do São Luiz. No dia 4 de Outubro, no Largo da Achada, nova apresentação que não será uma repetição.

Coro da Achada



O Coro da Achada nasceu antes da abertura ao público da Casa da Achada. Ensaia semanalmente e tem actuado um pouco por todo o lado, incluindo no estrangeiro. Tem inventado canções. Preparou para este aniversário

Como uma seta de fogo disparada na noite

Para experimentar trabalhar outras formas para além da canção, usando colagens, citações, excertos de canções e pequenos fragmentos originais, o Coro da Achada resolveu criar uma peça de pequenas dimensões – com um título que fomos buscar a um verso de um poema de Mário Dionísio – para apresentar no dia em que a Casa da Achada faz 4 anos de abertura ao público (e o coro também faz 4 anos que mostra o que vai fazendo). Uma experiência que passou por quebrar, na medida do possível, especializações e rotinas. Várias mãos e vozes ajudaram a criar e a pôr de pé, com ideias, palavras, sons e gestos, esta «seta de fogo». E alguns perderam a vergonha e revelaram-se mesmo inesperados maestros. Saindo dos lugares confortáveis do costume, aprendemos um pouco mais sobre nós e os outros, cantando.

Pedro Rodrigues



5. CORO DA ACHADA

À quarta-feira à noite continuam os ensaios do Coro da Achada, que se formou em Junho de 2009, três meses antes da abertura ao público da Casa da Achada, e que é composto por mais de 50 pessoas de todas as idades, que vão variando, mantendo-se sempre grande parte do núcleo inicial. O repertório, que inclui canções com letra de Mário Dionísio, foi aumentando.

O Coro da Achada cantou nestes últimos tempos nas seguintes ocasiões:

- No 25 de Abril: presença no desfile da Avenida e na festa da Casa da Achada.

- Em Sevilha, no Encontro de Coros da Casa do Pumarejo, a convite do Coro Domingueiro (Maio).

- No 122.º aniversário do Ateneu Artístico Vilafranquense (Maio).

- Na Mostra de Música e Dança das Associações de Lisboa, no Cinema São Jorge, a convite da Assembleia Municipal de Lisboa (Junho).

- No Beco do Rosendo («Há arraial na Mouraria»), a convite da Renovar a Mouraria (Junho).

- Na Casa da Cerca, em Almada, no seu 20.º aniversário - «Vem aí a Festa da Casa da Cerca» (Junho).

- No lançamento do livro *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios - ética, memória e acontecimento na História Oral de Alessandro Portelli*, a convite da UNIPOP, na Casa da Achada - Centro Mário Dionísio (Junho).

- No MUDE (Museu do Design e da Moda), na exposição «Dentro de ti ó cidade – Energia BIP-ZIP», a convite do BIP-ZIP (Julho).

- Na sessão «Os índios da Meia Praia – Ontem e hoje», que teve lugar na Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, organizada por Não Apaguem a Memória – Movimento Cívico, a convite dos organizadores (Julho).

- Na V Feira da Achada, ao ar livre, no Largo da Achada (Julho).

Para o 4.º aniversário da Casa da Achada inventou colectivamente uma peça intitulada «Como uma seta de fogo disparada na noite», que se poderá ouvir pela primeira vez na Casa da Achada, na tarde de 29 de Setembro. (Ver ao lado)

Próximas actuações: na sessão sobre as Heróicas de Fernando Lopes-Graça organizada na Casa da Achada pelo Coro dos Residentes de Telheiras (12 Outubro); na Festa do ex-Liceu Camões, no Coliseu (12 Novembro).



6. CICLO A PALETA E O MUNDO III

Continuou, às segundas-feiras às 18h30, o Ciclo A Paleta e o Mundo III – leitura de textos referidos em *A Paleta e o Mundo* ou relacionados com esta obra, acompanhada de projecção de imagens. Entre finais de Abril e finais de Setembro: terminada a leitura de *A arte de pintar* de Tristan Klingsor; livro traduzido por Mário Dionísio para a colecção Saber; foi lida a obra *Modos de Ver* de John Berger, com projecção dos programas por ele realizados na BBC e que deram origem a este livro, além de imagens referidas no livro. Leram Inês Dourado e Gonçalo Lopes. Em Julho, Eduarda Dionísio iniciou a leitura do

4.º ANIVERSÁRIO

Arquivo Mário Dionísio



Uma conversa para estudantes de literatura, de artes visuais, de educação, professores e curiosos. Com a participação de quem está a trabalhar no arquivo e de quem o tem utilizado.

Sobre este Centro de Documentação (que se quer vivo) toma a palavra Diana Dionísio:

A Casa da Achada está aberta há quatro anos. Milhares de pessoas já por cá passaram e participaram nas várias sessões e actividades que aqui se fazem regularmente. Mas ainda poucas usaram o Centro de Documentação. Afinal o que se pode encontrar aqui?

A Casa da Achada chama-se também Centro Mário Dionísio, e não é por acaso. Foi da vontade de tornar o seu espólio público que esta associação nasceu e que quis ter uma sede de portas abertas. Por achar que este espólio pode servir aos trabalhos, às investigações e às práticas de pessoas de hoje.

Muitas das actividades que se passam na Zona Pública da Casa da Achada – conversas, exposições, oficinas – partem directa ou indirectamente da obra e do arquivo de Mário Dionísio. Mas, para além disso, também é possível investigadores ou simples curiosos consultarem os papéis e os livros, os desenhos e os quadros, os bilhetes e as fotografias que se guardam no Centro de Documentação.

Mário Dionísio foi um homem de muitos saberes, meteu as mãos em ➔



2012: 3.ª vela

IV Capítulo de *Iniciação Estética* de João José Cochofel, que também incluiu a audição de música referida no texto e leitura de textos de poetas e escritores. Mais uma vez, explicada de outro modo, a impossibilidade de separar o «conteúdo» da «forma» neste capítulo chamado «A irredutibilidade da arte». E agora *O Amor da Pintura* de Claude Roy, que a Manuela Torres propôs e vai ler.

7. EXPOSIÇÃO JOSÉ JÚLIO

Esteve patente ao público de 25 de Abril a 19 de Agosto de 2013, uma exposição de pintura e gravura de José Júlio (1916-1963), artista amigo de Mário Dionísio, precocemente desaparecido e mais esquecido do que deveria ser.

Duas obras (col. Maria Leticia) já tinham figurado na exposição «28 amigos de Mário Dionísio» e as restantes 29 foram amavelmente emprestadas pela família. À entrada, um retrato de José Júlio pintado por Nikias Skapinakis nos anos 50, também cedido pela família e de que, segundo se ouviu dizer, Nikias Skapinakis não gosta muito. Alguns documentos numa pequena vitrina chamaram a atenção para o papel de José Júlio divulgador, o que não prejudicou, antes pelo contrário, a sua vida de pintor.



Rui-Mário Gonçalves, um dos fundadores da Casa da Achada, colaborou na organização da exposição – a primeira aqui realizada que contou com obras de um só autor não pertencentes ao espólio de Mário Dionísio – e do programa de sessões realizadas à sua volta.

Orientou a segunda e última visita guiada à exposição, tendo a primeira sido da responsabilidade de Raquel Henriques da Silva, durante a V Feira da Achada. Duas sessões de muito interesse para quem quer olhar para a pintura, nomeadamente a de José Júlio, com olhos de ver.

De Maio a Julho, três sessões relacionadas com a exposição:

- **Amigos de Mário Dionísio – 10 – José Júlio** (ver abaixo);

- **a aprendizagem da pintura**, com a participação do pintor João Queirós e a projecção do documentário de Jorge Silva Melo «Gravura – esta mútua aprendizagem»;

- **as sociedades de artistas**, com a participação de Ana Isabel Ribeiro, Cristina Azevedo, Francisco Castro Rodrigues e Rui-Mário Gonçalves, em que se falou da SNBA, das Exposições Gerais de Artes Plásticas e da Gravura – Cooperativa de Gravadores Portugueses.

José Luis Porfírio publicou uma nota crítica no *Actual do Expresso* (15-07-2003), o que não é habitual acontecer com as exposições que se realizam na Casa da Achada.

Começa assim: «Tal e qual como se um velho amigo visitasse outro; assim José Júlio vai de

visita à Casa da Achada lugar da memória e da presença de Mário Dionísio, seu amigo e cúmplice em pintura e muito mais, neste caso é da pintura e de alguma gravura de José Júlio que se trata.»

E assim acaba: «Uma simples folha dobrada e excelentemente aproveitada dá 4 páginas de catálogo, com portada, imagens reconhecíveis de todas as obras e dois textos de Mário Dionísio; é difícil fazer mais com menos. Sinal de crise? Não; sinal de resistência!»

Esteve à venda durante a exposição o belo catálogo da retrospectiva que a família de José Júlio organizou na SNBA em 2002, havendo ainda alguns exemplares à disposição na Casa da Achada, além de uma gravura sua, também editada pela Família.

8. MAIS DUAS EXPOSIÇÕES DURANTE UM MÊS



Entre 24 de Agosto e 23 de Setembro, lado a lado, uma exposição de fotografia – **A ESTRADA DE MONTREUIL** – e outra, mais pequena, de pintura de **ANNA STAN-KIEWICZ-ODOJ**.

Estiveram em exposição perto de 40 imagens de Montreuil, subúrbio de Paris, onde também vivem imigrantes portugueses, ao lado de imigrantes de muitas outras nacionalidades, feitas por Giuseppe Morandi, fotógrafo, residente em Piacenza, lugar do norte da Itália, e Francesca Grillo, residente em Montreuil, que desafiou Morandi a fotografar o seu sítio e que acabou ela também por fotografar.

No catálogo desta exposição, os de Montreuil explicam: «Estas imagens são a homenagem a todos os que, como nós, tomaram a estrada de Montreuil, e que os apetites especulativos queriam ver desaparecer do seu horizonte, e Paolo Barbaro, que segue há muitos anos o itinerário de Morandi (76 anos) acrescenta: «O sentido da cidade, do lugar onde se vive e das pessoas que se encontram, onde aparecem as nossas figuras, não poderá mais ser reduzido a um tempo linear, com um progresso que vá numa só direcção, racionalizando, limpando, acumulando, aumentando a comodidade e o valor imobiliário. Basta olhar a cidade nos olhos,



como nestas fotografias, para perceber isto.» Do lado das janelas, num pequeno rectângulo da sala, pinturas duma polaca, que há anos reside em Portugal e que afirma: «A minha pin-



Arquivo Mário Dionísio

→ várias artes e em vários campos do conhecimento e da vida. Daí percebermos logo que mexer nos seus papéis, livros e objectos pode interessar a quem estude variados temas, e também a quem queira, como ele queria, pôr em relação as diferentes áreas do conhecimento e das actividades humanas. Viveu entre 1916 e 1993, datas que têm dentro guerras, ditaduras, revoluções, novas experiências nas artes, nas escolas, nas sociedades. Pintou e pensou sobre pintura. Escreveu e pensou sobre a escrita. Foi professor e orientou a remodelação dos programas das escolas em 1974. Viu televisão e foi director de programas da RTP. Manteve debates com outros sobre artes, cultura, pedagogia, política.

Ao longo da vida, guardou muita coisa do que fez e do que fizeram outros. Organizou partes do que guardou em caixas, dossiers ou estantes, por temas ou por ordem alfabética. O que não organizou em vida foi depois inventariado por Maria Leticia, Natércia Coimbra e Eduarda Dionísio. E continuam ainda – agora que há o Centro Mário Dionísio – os trabalhos de arrumação, catalogação, tratamento e digitalização deste arquivo.

A biblioteca pessoal de Mário Dionísio e Maria Leticia, composta por 6000 livros e 300 publicações periódicas, já está catalogada e consultável. Grande parte são obras literárias (sobretudo de autores portugueses e franceses do século xx, mas não só), obras sobre história e teoria da literatura e sobre artes plásticas (sobretudo arte europeia do século xx). Mas também pode interessar a quem esteja a trabalhar sobre pedagogia, história geral, teatro, política, sociedade. O catálogo desta biblioteca está *online* e já foram digitalizadas as mais de 1600 dedicatórias a Mário Dionísio e Maria Leticia que figuram nos livros.

Para além das estantes, com livros e jornais, no Centro de Documentação há também armários. Lá dentro, mais de uma centena de caixas e dossiers guardam os documentos do Arquivo Pessoal e do Espólio Literário de Mário Dionísio. Fotografias, postais,

catálogos de exposições, documentos biográficos, correspondência, originais do autor e de terceiros (versões e correcções de livros, textos não editados, materiais de trabalho, diários, notas sobre arte e literatura), recortes de imprensa (artigos de e sobre Mário e também sobre outros e outros temas), materiais que reuniu para fazer trabalhos como *A paleta e o mundo* e sobre a obra de Portinari, documentos relacionados com as profissões de Maria Leticia e Mário Dionísio, professores no ensino secundário e na faculdade (programas escolares, preparação de aulas de línguas, literaturas e pedagogia, orientação de estágios) e documentos relacionados com comissões e associações de que Mário Dionísio fez parte (Associação Internacional de Críticos de Arte; Prémio Internacional de Literatura; Rencontres Internationales de Genève; Comissão de Estudo da Reforma Educativa; Comissão Coordenadora dos Textos de Apoio; Comissão de Saneamento e Reclassificação do Ministério da Educação e Cultura; Direcção de Programas da RTP; Conselho Mundial para a Paz).

Para além da biblioteca e destes documentos, guardam-se também na Casa da Achada os quadros e os desenhos de Mário Dionísio (da sua autoria e da autoria de outros). Parte está à mostra de todos na Zona Pública, durante o horário de abertura, em exposição ou nas grades de arrumação. Outra parte encontra-se no Centro de Documentação.

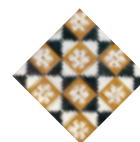
Como se pode imaginar, um grande número de trabalhos e investigações se podem fazer a partir deste espólio. Ainda por cima, graças aos colaboradores que têm trabalhado no Centro de Documentação e aos pedidos dos (infelizmente poucos) investigadores que cá têm vindo ao longo destes quatro anos, grande parte dos documentos já está digitalizada e pode assim ser muito mais facilmente consultada e utilizada.

Um resumo do espólio está acessível na página da internet da Casa da Achada. A ver se mais gente usa e abusa destes tesouros, que não se querem escondidos.

tura está cheia dos arquétipos e símbolos de realidade pós-moderna, enraizada na consciência colectiva. Muitas vezes são os meus sonhos, as lendas, os contos da infância ou simplesmente a natureza (ou mais a coexistência da natureza e da civilização) que me inspiram. Procuo sempre novas perspectivas da visão dos espaços, dos lugares, das pessoas e das coisas.»

Tudo longe dos seus lugares de origem. Bons encontros.

E, na segunda-feira a seguir à inauguração, uma conversa invulgar mas curta de mais, porque a seguir havia cinema: **FOTOGRAFIA, IMIGRAÇÃO e EMIGRAÇÃO**, em que participaram Giuseppe Morandi (fotógrafo), Francesca Grillo (fotógrafa), Gianfranco Azzali (presidente da Lega di Cultura di Piadena), Paolo Barbaro (professor de História da Fotografia da Universidade de Parma), Luisa Ferreira (fotógrafa), Isabel Lopes Cardoso (da associação Memória Viva de Paris), que distribuiu uma documentação bem importante sobre a emigração dos portugueses em França, e um activista da SOLIM (Solidariedade Imigrante).



9. CICLOS DE CINEMA

Às segundas à noite continuou a haver cinema. De Julho a Setembro ao ar livre. Todos os filmes foram apresentados por alguém, alguns debatidos. Vários foram legendados electronicamente por não existirem cópias com legendas em português. Foi distribuída em cada sessão uma folha de sala.

O CICLO DINHEIRO PARA QUE TE QUEREM foi um ciclo mais longo, de 6 meses, que acabou em no fim de Junho.

Depois da Ficha 6 vimos: *O TONIO E A TONINHA* de Jacques Becker, *TEMPOS MODERNOS* de Charles Chaplin, *BODAS DE DEUS* de João César Monteiro, *A COR DO DINHEIRO* de Martin Scorsese, *ERREUR DE LA BANQUE EN VOTRE FAVEUR* de Gerard Bitton e Michel Munz, *OS RICOS E OS POBRES* de John Landis, *A GRANDE PECADORA* de Jacques Demy, *VIRAM A MINHA NOIVA?* de Douglas Sirk, *NÃO O LEVARÁS CONTIGO* de Frank Capra. Filmes apresentados por Filomena Marona Beja, Eduarda Dionísio, Gabriel Bonito, João Pedro Bénard, António Rodrigues, Vítor Silva Tavares, Youri Paiva.

Está a acabar o ciclo ao ar livre **FÉRIAS NA ACHADA**: *AS FÉRIAS DO SR. HULOT* de Jacques Tati, *FÉRIAS EM ROMA* de William Wyler, *MÓNICA E O DESEJO* de Ingmar Bergman, *BOM DIA, TRISTEZA* de Otto Preminger, *ULTRAPASSAGEM* de Dino Risi, *AGOSTO* de Jorge Silva Melo, *O PECADO MORA AO LADO* de Billy Wilder, *VERÃO DE 42* de Robert Mulligan, *CONTO DE VERÃO* de Eric Rohmer, *VERÃO VIOLENTO* de Valerio Zurlini, *ADIEU PHILIPPINE* de Jacques Rozier, *O VERÃO DE KIKUJIRO* de Takeshi Kitano, *CAMPING COSMOS* de Jean Bucquoy.

Apresentaram os filmes: João Rodrigues, Eduarda Dionísio, João Pedro Bénard, Youri Paiva, António Rodrigues, Gabriel Bonito, Seixas Santos, Diana Dionísio, Jorge Silva Melo, Regina Guimarães, Fernando Nunes, José Smith Vargas. Só falta uma sessão, incluída no 4.º aniversário da Casa da Achada, constituída por 2 filmes: *SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN* de João

MD 50 ANOS DE PINTURA



Uma exposição de dezenas de obras de Mário Dionísio mostra o seu percurso como pintor, de 1943 (primeiras pinturas) a 1993 (data da sua morte).

M. D. foi pintor figurativo nos anos 40 e 50 e pintor abstracto a partir de 1963. Tendo participado em diversas exposições colectivas, nomeadamente nas Exposições Gerais de Artes Plásticas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, nos anos 40-50, foi aos 73 anos que realizou, na Galeria Nasoni, a sua primeira exposição individual.

Muitas das suas obras são ainda desconhecidas, nomeadamente as primeiras, anteriores às EGAPs (1943-1946), que pela primeira vez figuram numa exposição, esta que a Casa da Achada inaugura a 19 de Outubro. Que ninguém diga que não foi convidado.

A título de aperitivo – e para uma mais íntima compreensão do universo pictórico de M. D. – seleccionamos aqui uma série de excertos onde o escritor se debruça sobre o seu trabalho de pintor, afinal a mais forte vocação da sua existência como artista que se não quis limitado à clássica situação de «pintor de domingo».

Esta exposição serve de cabal desmentido.

Porque voltei, e agora quase exclusivamente, à pintura?

Primeiro que tudo, certamente, porque seria incapaz de viver sem estar a fazer qualquer coisa – homo faber... A transformar o que sinto e penso (o que sou, para realmente o ser) num objecto. É o que, aliás, define o artista – não o bom, o grande artista, mas qualquer artista, bom ou mau.

Depois porque, sendo por natureza intervencionista, me é impossível deixar de comunicar – de apreciar, de ver se será bem isso ou bem assim, de tomar parte, de propor – e as outras formas de comunicação me foram pouco a pouco vedadas. Sobre tudo pelo desencanto crescente de sentir goradas todas as tentativas de verdadeiro entendimento. E daí decerto esta incapacidade (esta ausência de desejo, que nunca poderia ter previsto) de utilizar a palavra – escrita ou até falada.

Pincéis, tintas, espátulas, uma tela branca. Mais o medo que ela inspira, como bem disse o Van Gogh, mas um medo que atrai, que faz andar. Embora, ao contrário de Picasso («não procuro, encontro»), eu sempre procure e raramente encontro.

Enquanto pinto (e carregar a paleta, escolher os pincéis, raspar o que fiz ontem é já pintar), os relógios param, o mundo todo está ali, um motor misterioso põe-se a funcionar no silêncio, impele as mãos. O tempo corre e elas continuam, continuam, encontram ou estragam tudo, tanto faz. É isto a liberdade?

Novembro, 1973

Não, não sou um pintor, não quero sê-lo ou ser assim considerado. Durante muitos anos pensei com desconfiança numa frase de Marx, segundo a qual numa sociedade futura não haveria pintores, mas homens que «entre outras coisas, pintariam». Os perigos do amadorismo estão à vista nesta hipótese. Mas hoje compreendo que talvez ela possa ter um significado diferente. Entre outras coisas, pinto. E se estou longe do profissional, também o estou do amador. Outra maneira de viver? De ser?

Dezembro, 1973

Não posso queixar-me este ano de falta de tempo livre, ou seja: para trabalhar. Mas cada vez me é menos possível fazer seja o que for sem me sentir perfeitamente em forma. Nem em todo o tempo livre estamos livres.

Chego a casa sempre extenuado. Sem desejo, portanto; sem capacidade. E preciso esperar. E o tempo que levo a recompor-me é muito longo e enervante. Este enervamento atrasa, por sua vez, a chegada do clima de repouso físico e psíquico que me fará levantar-me lentamente e sentir-me apto a começar.

A arte não nasce (para mim, pois claro, para quem havia de ser?) de qualquer ânsia de gritar, de pedir contas, de afirmar revolta. Mas duma serenidade total, quase diria da paz do ócio, duma quietude inteira da cabeça aos pés que, a dada altura, precisa de interromper-se, sem brusquidão, contudo: lentamente.

Em frente duma tela (ou duma folha de papel), a revolta, o protesto, o desafio, são coisas a que se chega e não de que se parte.

Fevereiro, 1974

Numa página de Diário encontro isto contra possíveis entraves, certamente os houve: «Pintarei, pintarei, queiram ou não, possa eu ou não. É directo, é autêntico, é profundo, é espontâneo. E é como que gostar muito de alguém. Costumo dizer que sou um romancista que não escreve romances. Mais verdade será talvez dizer que sou pintor, chegue ou não ao fim dos quadros. Não é o quadro verdadeiramente que me interessa, mas pintar.» Voam as horas, a busca continua. Fico espantado quando ouço: «São horas de jantar!»

Se muito tenho pintado – períodos houve em que não fiz mais nada – , quanto tenho destruído? Quase tudo. O que nem sempre é fácil. Exige certa força de vontade, verdadeiro desprendimento estando preso, mais esforço e paciência do que rasgar o que se escreve. Mas, quando não se chega ao que se quer (alguma vez se chega ao que se quer?), agarrar num pano bem embebido em aguarrás e esfregar, esfregar até raspar, que alívio e que libertação!



1950



1943



1944

Naturezas mortas (a minha escola inicial), muitas paisagens com casas de camponeses ou sem elas, cenas de interior (mulheres na cozinha, a lavar a louça, a esfregar o chão), maternidades descalças, corticeiros fazendo «quadros», camponeses e operários reunidos à porta fechada (última versão: Interior, de 47, exposto em 48), serradores, aqueles mesmos que apareceram no meu conto «Uma Tarde de Agosto» de O Dia Cinzento e outros contos. Quanto daria para vê-los agora. Ainda que fosse para destruí-los outra vez.

Claro que pintar me havia de levar ao estudo dos materiais – eu próprio fabricava as minhas tintas e telas quando não tinha dinheiro para comprá-las – e aos tantos problemas da pintura. Que os não há exclusivamente teóricos. Não sei como nunca se gastaram, de tanto as consultar, as páginas de respeitáveis manuais como o excelente O Material do Artista e o seu Uso na Pintura, com notas sobre as técnicas dos velhos mestres, do Max Doerner.

E logo os problemas da pintura se entrosaram com os da poesia, os da ficção, os da própria teoria estética. Os da política, enfim.

O Marx é que teria razão: «Numa sociedade comunista não haverá pintores, mas homens que, entre outras coisas, pintam». Esperanças cá para o rapaz, que mais amador que ele não haveria. Onde estava, porém, a sociedade comunista? Nem eu compreendia muito bem aquele «entre outras coisas». A pintura, como tudo, exigia uma especialização cada vez maior e, a bem dizer, a tempo inteiro. Esse o meu desespero.

Como eu gostaria de saber explicar(-me) as ocultas razões que, a partir de 63, só me deixam (até quando?) fazer pintura abstracta? Uma nota, escrita em Fevereiro de 83 (em todo o caso, muito tarde) diz mais ou menos como as coisas se passam: «Parto sempre para a tela com uma grande convicção. Melhor seria dizer esperança. E a sede – a sede mesmo – de pintar que me leva a abandonar tudo e a agarrar nos pincéis. Bato com eles na tela como quem bate em alguém, que é o mundo, o destino, a grande barreira que me impede de. Não digo às cegas porque um olho crítico de mim mesmo está constantemente vigilante e troça dos grandes ímpetos «inspirados». De qualquer modo, começo com violência e quase com certeza, caçador que sente a caça na ponta da espingarda. Rápido, percorro a tela de canto a canto, insisto mais no lado esquerdo ou no direito, em cima, em baixo, raramente no centro. Quem insiste sempre alcança. É um corpo-a-corpo desaustinado, cantante, delicioso.

Autobiografia, 1987

Suspeito de que o quadro está pronto e não o largo. E sempre assim. Assim tenho estragado muitos para os destruir depois.

«A embriaguês do trabalho», disse Delacroix. É isto. O tempo passa sem se dar por ele. Estar tão preso aos pincéis e às tintas, acrescentando, apagando, substituindo, recomeçando, continuando a tentar, que o transistor transmite um programa insuportável e não se consegue abandonar o que se faz para procurar outro posto. Adiante para o minuto, os minutos ou as horas seguintes. Até que aquele programa acaba, outro vem, igualmente mau, mas já nem se dá por isso. A busca da cor precisa e o modo preciso de deixá-la na tela dominam-me por completo. A isto se referiria Delacroix.

O mais extraordinário é a cor que espreguia, silenciosa. Nem pensamos nela e, de repente, usamo-la, muitas vezes por acaso, a ver que dá, e ela revela-se a chave de tudo. Ela traz a luz, a cor, a dimensão desde o princípio procurada.

Tenho pensado e dito algumas vezes que a pintura figurativa é mais fácil do que a abstracta. Pequeno disparate. Mas a verdade é que, na figurativa, podem iludir-se as dificuldades ou incapacidades pelo processo de fazer, primeiro, o desenho e enchê-lo depois de cor, mais ou menos habilidosamente descobrir cor e forma ao mesmo tempo, uma estrutura total tem outras dificuldades, se se pretende atingir uma obra acabada e não apenas um encher a tela de quaisquer traços e quaisquer borrões de tinta.

Agosto, 1988



1950



1963



1963



1979



1993 - inacabado

César Monteiro e PASSEIO AO CAMPO de Jean Renoir, que Pedro Rodrigues apresentará. A partir de Outubro: **CICLO VIVENDO E APRENDENDO**. (Ver p. 10)

10. OFICINAS

Continuaram as oficinas aos domingos à tarde, com idades mínimas várias e sem idade máxima. Umas com mais gente e outras com menos. Ora com mais gente do bairro ora com menos. Ora com gente mais pequena ora maior.

A oficina de Abril (**O 25 de Abril que tenho na cabeça**) com Zé d'Almeida, José Smith Vargas e Marta Caldas terminou com uma sessão de fotografia orientada por Youri Paiva do que restava pelas ruas onde em cada esquina continuava um amigo desenhado, pintado e recortado.



Em Maio-Junho, Carla Mota orientou uma oficina de **tapeçaria tecida**, quase só com adultos.

Em Junho, Eupremio Scarpa voltou ao fazer o que **presta a partir do que não presta**, com novas ideias e novos materiais, para todas as idades.

Em Julho, Agosto e Setembro, sempre **oficinas de voz**, ligadas ao espectáculo KANTATA DE ALGIBEIRA, orientadas por Margarida Guia, frequentadas por quem iria ou não participar no espectáculo.



Em Outubro, voltamos às artes visuais: Carla Mota retoma a **Gravura**. Para todos a partir dos 6 anos.

11. LIVROS DAS NOSSAS VIDAS

Continuaram as sessões sobre livros e autores referidos num depoimento de Mário Dionísio «Os livros da minha vida».

Em Junho, Cristina Almeida Ribeiro pegou em «Proud Beauty» de **José Rodrigues Mi-**

4.º ANIVERSÁRIO

Público e Privado



Não é um colóquio nem um debate. É um tema que nos aflige e tem a ver com as nossas vidas, a política, a economia, as artes, o ensino. Uns perguntam, outros respondem. Pensar primeiro em perguntas, depois em respostas. E juntaremos tudo, para começar.

A título exemplificativo, eis algumas perguntas possíveis a aguardar possíveis respostas:

Porque será que o «par» Público-Privado se tornou tão corrente em tantas áreas?

Sem «público» existiria «privado»?

Quem diz o que isso é? E quem dita o que deve ser «público» e «privado»? Há ainda perspectivas de classe sobre tal assunto?

E a vida em comum – toda a vida ou uma parte dela – é do domínio público ou do domínio privado?

«Público» e «privado» poderá ter o mesmo sentido para um sem-abrigo, por exemplo?

Quais as actividades que ainda são defendidas como «públicas» por mais gente? E as que não são ou nunca foram?

E aquele trabalho dos funcionários públicos, que tem sede em gabinetes, é «público» ou «privado»?

E o trabalho artístico? E como entra nele o «reconhecimento público» dos artistas?

Privatizar o que é público é salvação para neoliberais e outros porque não há sociedade sem exclusão, discriminação, selecção ou porque o Estado tem assim forma de colocar toda a sociedade ao serviço do capitalismo? O valor (do) privado só existirá então por acção da economia pública do Estado?

«Privado» quer dizer «pessoal»? Que só pertence a uma pessoa? É sempre mau usar qualquer coisa «para fins pessoais»?

Como é que a «propriedade» joga no estabelecer a fronteira entre «privado» e «público»? Que quer dizer «cair no domínio público»? Em que consiste? Que efeitos tem ou pode ter?

E os sagrados «direitos de autor» são como são ou podiam ser outros? O autor é «privado» ou é «público»?

Os blogues e as redes chamadas sociais na internet alteraram a oposição entre «público» e «privado». Em que sentido? Há mais «privado público» ou mais «público privado»?

Será que se discute o «serviço público», a «utilidade pública», «o interesse público» quando essas expressões aparecem?

E o grande interesse pela história da vida privada? Quando nasceu?

guéis e virá a pegar mais tarde na poesia de Paul Éluard.

Duas belas sessões – em Julho e Agosto – sobre o esquecido (entre nós) **Maiakovski**. João Rodrigues fez uma sessão que continuou com leituras, feitas por ele próprio, Pedro Rodrigues, Diana Dionísio, Pedro Soares, Lena Bragança Gil.

Que desperdício não ter estado mais gente na sessão de Agosto!...

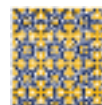
Estas sessões recomeçam em Novembro: Paula Morão falará de **O Delfim de José Cardoso Pires**.

12. ITINERÁRIOS

Tem havido menos conversas chamadas **Itinerários**, com pessoas que têm vidas pouco vulgares e que aceitam contar a sua história a quem aparece para ouvir.

Em Setembro foi **Lia Gama**, que contou como foi vir da Barroca do Zêzere para Lisboa, saltar de Lisboa até Paris. Como foi ir parar ao teatro. E depois ao cinema. E depois à televisão. O que tem sido trabalhar em teatros comerciais, nacionais, independentes.

Com Carlos Avilez, Jorge Listopad, João Mota, Osório Mateus, Luis Miguel Cintra, Jorge Silva Melo e muitos outros. E filmar com Fonseca e Costa, Fernando Lopes, Manoel de Oliveira, Solveig Nordlund, Seixas Santos e muitos mais. E fazer séries e telenovelas. E intervir quando é caso disso. E ser mãe e avó pelo meio de tanta coisa.



13. HISTÓRIAS DA HISTÓRIA

Continuam estas sessões que se realizam de dois em dois meses sobre efemérides do mês em curso, que dão que pensar e que дума ou doutra maneira entraram nas nossas vidas, pelo menos como referências.

Em Abril, Carlos Matos Gomes falou dos **derrotados no 25 de Abril**, coisa de que pouco se fala, nomeadamente nestes tempos de «crises». Em Junho, Sebastião Lima Rego, aquele que teve a ideia destas sessões, falou do desencadear da 1.ª guerra mundial, ou seja, o que foram **os tiros de Sarajevo**, em 28 de Junho de 1914 – o início da era moderna. Em Agosto, foi a vez das **primeiras férias dos operários franceses**, com a projecção do interessante documentário «Été 36», numa sessão que esteve a cargo de Jorge Silva Melo.

Em Outubro, mês da República, Firmino Mendes falará da problemática **Carbonária**. Talvez sejam coisas como estas que nos permitam falar de uma espécie de Universidade Popular que vai passando por aqui.

14. AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO

A propósito da **Exposição José Júlio**, este grande pintor, amigo de Mário Dionísio, foi recordado e explicado, em Maio, por críticos que o conheceram (Rui-Mário Gonçalves e José-Augusto França), alunos (entre os quais Filomena Marona Beja), João Carlos Andrade dos Santos, seu filho, e António Rebelo, conhecedor da sua obra de gravador.

Só em Outubro regressaremos a um amigo de Mário Dionísio: **Bento de Jesus Caraça** de quem António Pedro Pita falará.



15. V FEIRA DA ACHADA

Pela quinta vez, houve em Julho uma Feira organizada pela Casa da Achada, no Largo e na Rua da Achada: a V Feira da Achada, com comes e bebes. Também, como todos os anos, para angariação duma parte dos fundos que permitem o funcionamento destas coisas, que são todas de entrada livre.

É sempre uma animação, durante um dia que já entrou nos hábitos. O **Coro da Achada** cantou ao fim do dia.

E, dentro da Casa, falou-se de José Júlio de manhã, numa visita à exposição guiada por Raquel Henriques da Silva, e de Mário Dionísio à tarde.

16. CEDÊNCIA DAS INSTALAÇÕES A AMIGOS E CONHECIDOS

Como sempre, têm sido cedidas as instalações, geralmente fora das horas de abertura, a quem não tem instalações próprias (pelo menos em Lisboa), para vários tipos de realizações que, de algum modo, se relacionam com o projecto da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio. Sejam apresentações de livros e vídeos, mais ou menos fora do mercado, sejam debates sobre assuntos que se ligam, directa ou indirectamente, às nossas preocupações.

A Tertúlia Liberdade organizou uma **FEIRA DE AUTOGESTÃO E COOPERATIVISMO**, no dia 4 de Maio à tarde. Uma iniciativa que deveria ter tido continuação, mas que os organizadores suspenderam.

Foi lançado, em 19 de Maio, com conversa e leituras, o **LÁPIS DESAFIADO 1**, livro artesanal escrito por 15 não escritores de Lisboa e do Porto que foram desafiados a escrever (A Empregada, Clara, Toni, Pedro R., Selene e Endymion, Maria, Marta, Diana, Daniela, Ana da Palma, Artemísia Baco, Lois, Paulo, Carlota Joaquina e Youri).

E no dia 22 de Setembro, o **LÁPIS DESAFIADO 2** com os desenhos que partiram dum segundo desafio: desenhar a partir dos textos publicados em LÁPIS DESAFIADO 1. E assim irá continuando, com fabricos vários – de palavras, de imagens, de impressões, de encadernações.

Pudemos ver (ou rever) os filmes que a **COOPERATIVA GRUPO ZERO** fez a partir de espectáculos do **TEATRO DA CORNUCÓPIA** entre 1978 e 1980, num ciclo de cinema organizado pela Confederação (Porto): **NOVAS PERSPECTIVAS, VIAGEM PARA A FELICIDADE** e **MÚSICA PARA SI** de Solveig Nordlund; e **NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?** de Jorge Silva Melo e Solveig Nordlund. Estiveram presentes elementos da ex-cooperativa **Grupo Zero** (Seixas Santos e Acácio de Almeida) e a actriz de um dos filmes, Lia Gama.

No dia 25 de Junho, a **UNIPOP** organizou a sessão de lançamento de mais uma edição sua: **A MORTE DE LUIGI TRASTULLI** e **OUTROS ENSAIOS – ÉTICA, MEMÓRIA E ACONTECIMENTO NA**

AS NOSSAS BIBLIOTECAS para ir, e vir, e mandar vir



As nossas bibliotecas (a fixa e as móveis) inscrevem-se no projecto **LIVROS E ARTES PARA QUE VOS QUERO** apoiado pelo BIP-ZIP da CML, projecto esse que implica a criação de uma mediateca e dum grupo de teatro comunitário, além do apoio às sessões de cinema e às oficinas.

Embora de características iminentemente populares, as bibliotecas, nomeadamente a fixa, contêm obras de difícil acesso público, constituindo assim um acervo precioso para leitores de outro tipo de curiosidades intelectuais.

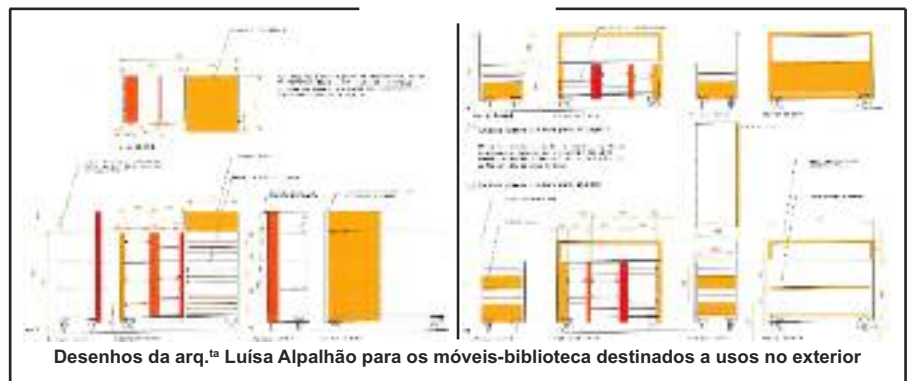


Móvel-biblioteca dos Livros Livres criado pela arq.^{ta} Luísa Alpalhão, em funcionamento a partir de 2 de Outubro



É sabido que o bairro não tem equipamentos culturais. Não existe qualquer biblioteca pública. Não há cinema nem qualquer local onde possa ser vista uma exposição ou um espectáculo. A população de origem do bairro é pobre, está envelhecida e fechada em casa. Existem crianças que ainda brincam nas ruas mas que não têm acesso a actividades criativas para lá das escolares. Os imigrantes vivem em condições muito precárias e quase não contactam com a população de origem, sentindo-se excluídos de qualquer actividade cultural ou de convívio, que pensam não lhes dizerem respeito.

É no interior deste universo que se inserem as actividades da Casa da Achada. A preocupação pelo incremento cultural das camadas populares envolventes afasta-se porém das tentações populistas que entendemos redutoras. Não somos adeptos dos balizamentos inferiores, das facilidades demagógicas e de nula perfuração cultural. Mais do que implementar leituras ou propor espectáculos de entretenimento passageiro, importa-nos sobretudo que sejam as pessoas elas próprias a exigirem resultados onde possam encontrar sua identidade.



HISTÓRIA ORAL de Alessandro Portelli (que todos os anos encontramos na festa anual de Píadena), com tradução de Bruno Cordovil e Miguel Cardina. Conversa com o autor e os tradutores sobre História oral, métodos, memórias e acontecimentos. No final da sessão, o **Coro da Achada** cantou.

Por iniciativa do movimento cívico **NAM – Não Apaguem a Memória**, no dia 6 de Julho falou-se de **OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA – ONTEM E HOJE**. Intervenções do arquitecto José Veloso, envolvido nas operações SAAL da Meia Praia e do sociólogo João Baía que tem estudado o SAAL, nomeadamente de Coimbra. O **Coro da Achada** cantou «Os índios da meia praia» de José Afonso. À noite, foi projectado o filme **OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA** de António da Cunha Telles.

EM JULHO FOICE NA MÃO chamou-se a sessão que a **Hélaestre** organizou no dia do seu aniversário, 14 de Julho. Foram lançados os 7 últimos livros escritos por **Regina Guimarães** e **Saguenaíl** (que estão à venda na Casa da Achada) e projectados vários dos últimos vídeos realizados por estes dois autores, ambos fundadores da Casa da Achada. Margarida Guia leu – em francês e em português – alguns poemas.

Por iniciativa do autor, João Baía, amigo e colaborador da Casa da Achada, além de elemento do Coro, foi apresentado, no dia 20 de Julho, o seu livro **SAAL E AUTOCONSTRUÇÃO EM COIMBRA – MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO DA RELVINHA 1954-1976**, editado pela editora 100Luz. Participaram o Autor, Sónia Vespeira de Almeida e Jaime Pinho.

No dia do aniversário de Zeca Afonso, 2 de Agosto, por iniciativa do núcleo de Lisboa da **AJA – Associação José Afonso**, teve lugar uma sessão intitulada **CANÇÃO DE INTERVENÇÃO – A obra de José Afonso em perspectiva**. A sessão começou com um Momento musical (Joana Gouveia Quarteto). Na conversa entrevistaram Nuno Pacheco, Amélia Muge e Francisco Fahnais, além de elementos da assistência.

O projecto **NOVAS MEMÓRIAS DO CÁRCERE** que teve lugar na prisão de Guimarães, no âmbito da Capital da Cultura 2012 chegou aqui, na noite de 6 de Setembro, pela mão de Miguel Horta e de Tiago Afonso que nele trabalharam.

Foi projectado o documentário **ESPAÇO /TEMPO** de Tiago Afonso, além de algumas curtas-metragens realizadas pelos presos. Foi apresentado o livro **NOVAS MEMÓRIAS DO CÁRCERE**, resultante duma oficina de escrita e leitura destinada aos reclusos da prisão de Guimarães, orientada por Miguel Horta.

17. EXPO DENTRO DE TI Ó CIDADE

A convite dos organizadores, estivemos representados na exposição **Dentro de ti, ó cidade – energia BIP-ZIP** que deu conta, no MUDE (Museu do Design e da Moda), entre 18 de Junho e 27 de Julho, de alguns projectos realizados por associações com o apoio BIP-ZIP nos anos 2011 e 2012. Participámos numa sessão de troca de informações em que André Freire foi comentador. E o **Coro da Achada** foi cantar à exposição numa tarde de sábado.

Só temos pena duma coisa: desapareceram alguns livros que emprestámos para estarem em exposição, alguns deles não muito fáceis de substituir: de Mário Dionísio, **O DIA CIN-**

LEILÃO d'ARTE

Quanto mais independentes mais livres. Mas sem independência económica não há outra digna do nome. O recurso a subsídios, na conjuntura indispensáveis, não nos deve fazer afastar do objectivo de auto-suficiência. Muitos artistas estão conosco neste desiderato: as obras por eles oferecidas irão ser vendidas ao melhor preço, e este, qualquer que seja o montante, será sempre para nós o melhor, vindo de quem vem. Chamamos a atenção para aqueles artistas que nos ofereceram obras para o leilão deste 4.º aniversário: Ana Jotta, Anna Stankiewicz-Odoj, Eduardo Batarda, João Cutileiro, João Queiroz, Júlio Pomar, Lídia Marti-nez, Margarida Alfacinha, Miguel Horta, Nikias Skapinakis, Renato Roque, Rui Sanches, Sílvia Chicó, Sofia Areal e Teresa Magalhães.

Muitas mais obras existem oferecidas noutras ocasiões quer pelos artistas quer por pessoas que as doaram. Todas serão igualmente leiloadas.

Há catálogo. Adequado.

O QUE AÍ VEM

Entre muitas outras coisas destacamos em cartaz estas duas:



ZENTO E OUTROS CONTOS (livro de bolso das Publicações Europa-América), **O RISO DISSONANTE** (1.ª edição), **AUTOBIOGRAFIA** (só à venda na CA-CMD), **O QUÉ! PROFESSOR?** (edição artesanal da Abril em Maio); a antologia alemã de contos portugueses **PORTUGIESSISCHE ERZÄHLER** com um conto de Mário Dionísio (Aufbauverlag, Berlin); **A ARTE DE PINTAR** de Tristan Klingsor (tradução de Mário Dionísio, colecção Saber, Publicações Europa-América), **O LIXO DA COZINHA** (edição artesanal da CA-CMD, resultado de uma oficina).

18. APOIOS E DINHEIROS

Concorremos em Julho de 2012 ao apoio anual às associações (RAAML da CML) para o ano em que nos encontramos. Foram-nos atribuídos, em Março de 2013, 16 mil € para o funcionamento da Casa da Achada durante o ano. Em Maio assinámos o «contrato-programa». Em finais de Agosto, já depois de termos concorrido ao RAAML de 2014, chegaram os 60% devidos. O resto virá depois, quando provarmos, em Novembro, que gastámos o que nos foi concedido... São as regras...

Apresentámos ao PDCM (Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria) da CML, em Dezembro, e depois em Março, o projecto **Palavras que o vento não levará**: encontros mensais de (não) leitores, sempre com um escritor; edição de um novo Guia de Lisboa, em resultado de duas visitas por mês a locais de Lisboa, orientadas por escritores, com pessoas que não os tinham visto ainda com olhos de ver (ver p.11); espectáculo **KANTATA DE ALGIBEIRA** (ver contracapa desta Ficha); **IDADE TERCEIRA**, filme de Regina Guimarães, a realizar a partir de Outubro com idosos do bairro, a partir de poemas de Mário Dionísio do livro **TERCEIRA IDADE**, e a mostrar em Dezembro. Foram-nos atribuídos 25 mil euros. Começámos em Fevereiro. Assinámos o protocolo em Maio. Chegaram 15 mil euros em Junho. Fizemos um relatório em Setembro sobre os seis primeiros meses do ano. Aguardamos o que falta.

Apresentámos ao BIP-ZIP (Bairros de Intervenção Prioritária – Zonas de Intervenção Prioritária) da vereação de Habitação e Desenvolvimento Social da CML o projecto **Livros e Artes para que vos quero**: desenvolvimento da Biblioteca Pública e do seu serviço de empréstimos, criação duma mediateca, criação de pólos exteriores da Biblioteca no bairro, criação de um grupo de teatro comunitário, na sequência do espectáculo **KANTATA DE ALGIBEIRA**. Projecto a realizar em 9 meses que garanta continuação. Saíram resultados em Abril. Foram-nos concedidos 36 mil euros. Assinámos o protocolo em Julho e começámos o trabalho. Já foram construídos móveis para novas bibliotecas – uma ambulante, parente da Bibliambule de Margarida Guia, outra para os **LIVROS LIVRES**, situada no terreno em frente (ver p. 9). Contratámos colaboradores. Em Setembro, chegou finalmente a 1.ª tranche: 10 875€.

E houve negas: da Fundação Gulbenkian para a continuação do tratamento do espólio documental de Mário Dionísio; da EDP Solidária para o projecto **APRENDER A OLHAR DESENHAR E PINTAR DE OUTRAS MANEIRAS**, que, centrada nas artes visuais, teria características semelhantes ao projecto **Palavras que o vento não levará**.

PALAVRAS QUE O VENTO NÃO LEVARÁ

Na Ficha anterior (n.º 6) foi explanado com suficiente pormenor, todo o conjunto de iniciativas que compõem este projecto – desde os Encontros de Leitores (Palavras lidas, palavras ditas) ao Novo Guia de Lisboa (Palavras ouvidas, palavras ditas, palavras escritas), ao espectáculo **Kantata de Algibeira** (palavras escritas, palavras musicadas, palavras ditas em voz alta) e ao filme **Idade Terceira**.

Caminhamos. Até agora, houve na Casa da Achada 7 encontros de leitores (e não leitores) com os escritores Filomena Marona Beja, Miguel Castro Caldas, Margarida Vale de Gato, José Mário Silva, Numo Milagre e Miguel Cardoso. Continuarão mensalmente até Dezembro.

Foram feitas 11 visitas a 11 locais com História (Igreja de São Roque; Fundação Calouste Gulbenkian – Exposição «Um chá para Alice»; MUDE – Museu do Design e da Moda; Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva; NARC – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros; Biblioteca Nacional;

UM PROJECTO PARA 2013



Mosteiro de São Vicente de Fora – Azulejos de La Fontaine; Portas do Sol-Limoeiro-Aljube; Museu Bordalo Pinheiro; São Luiz Teatro Municipal; Jardim Botânico Tropical). Participaram 11 grupos vindos do Conselho Português para os Refugiados, Escola N.º 10 do Castelo, Centro de Dia do Socorro, Recolhimentos, Escola Secundária Gil Vicente, Centro Social da Sé, Centro de Apoio Social dos Anjos, ATL de São Cristóvão, acompanhados sempre por um escritor com quem escreveram textos que constituirão o Novo Guia de Lisboa. Estas visitas continuarão até Novembro.

Para fixar algumas palavras, pedimos a três escritores que, nessa condição, escrevessem. O resultado pode (e deve) ler-se de seguida:

Fomos tomar chá com a Alice, à Fundação Gulbenkian.

E sabem o que de melhor nos aconteceu? Encontrámos, no jardim, um ninho de Dodots. Cheio de ovos!

E os quadros da Maria Helena e do Arpad?

Olhámos, e vimos quanto eles gostavam um do outro. Tanto que nem aquele malvado do Hitler, nem o outro cá de Lisboa, os conseguiram separar.

Ah! Mas também houve La Fontaine, em azulejos!

Sim, no Mosteiro de São Vicente de Fora. Tão longe... Tão perto, agora que sabemos onde estão. O que são.

É quem mais aprendeu, ao passar por tudo isto?

Os meninos do 2.º ano da Escola do Castelo? Os coleguinhas do 4.º ano?

Ou os mais crescidos que já andam na Secundária de Gil Vicente?

Pois digo-vos: fui eu!

EU:

Filomena Marona Beja

A Casa da Achada fica no meio de Lisboa. Pertencem-se mas não se prendem, descobrem-se mútua, singela, ou desordeiramente uma na outra, uns com os outros. Para encontro e busca, é preciso movimento e poesia, um desenho de imagens a inscrever presenças físicas, combatendo o receio de mudar de corpos e dilatar mundos. A poesia transforma e é justa, quando declara, que é azul a terra, como uma laranja. Mais ou menos isto dizia o Manuel António Pina, que escrevia para adultos e para crianças. A poesia rima sempre, mesmo que não arrume. Com o faro dos coelhos, procura na lua florestas de cenoura crua (Odylon Costa, Filho; Brasil). Ou suja-se na rua, da torre mais alta, com má-criação adolescente, cansada, já pouco gulosa (Rimbaud). O que há de beleza na poesia cheia de tristeza feia? É que os nossos corações se magoam como as árvores, têm bichos como os livros. A isto se pode chamar a cultura do selvagem, desorientando educação e instruções. Claro que se podem também estudar livros, como aliás os corações, ou a história de um quadro, o incêndio de um teatro. Podem-se seguir cronologias e códigos das estradas, a técnica de um maquinista, um ofício de carpinteiro, mapas da nossa cidade. Confiamos, porém, em olhos, palavras, sementes, derivas, membros que meçam seu próprio trilho e cruzem, culturas que baldio e biblioteca invadem, extravasam, ligam. Quem sabe se o vento (não) levará? É viva a viagem, e o guia selvagem. A poesia aguça a língua e faz crescer. Passear é um encanto e faz bem às peles. Provar é escrever.

Margarida Vale de Gato

Nuno Milagre: Dançar Escrever Desenhar

É muito fácil dizer: «Eu não sei escrever.»

É quase como falar: «Ai dont spique inglich.»

Só não sabe escrever quem desconhece o alfabeto e as regras para montar frases. Da mesma forma que só não sabe desenhar quem não consiga unir vários pontos com um lápis de carvão, e só não sabe dançar quem não puder mexer o corpo ao sabor de um ritmo musical, mesmo que fora dele.

Contrariando um destes não se tem vindo a construir ao longo do ano o Novo Guia de Lisboa. Por mais difícil que pareça, toda a gente que participa nas visitas a museus, jardins, igrejas ou outros pontos de interesse em Lisboa, deixa por escrito, a sua apreciação crítica do passeio turístico. A sua visão, transformada em texto, inclui pontos de vista onde nenhum escritor, escritora ou guia turístico profissional jamais chegaria.

Afinal toda a gente sabe escrever e a cada pessoa lhe ocorre e lhe

escorre por uma folha em branco abaixo, linhas de texto por caminhos onde mais ninguém poderia pensar.

São crianças, jovens, adultos, e mais velhos, vindos de ATLs, centros de apoio social ou centros de dia, gente afastada das literaturas que, com a sua escrita certa e simples, faz roer de inveja encartados escritores.

São também algumas destas pessoas que se reúnem nos Encontros de Leitores, encontros mensais onde se ouve ler pedaços de textos publicados em livros. Das leituras, parte-se para a discussão das ideias dos autores, das suas artimanhas para construir uma estória e também se chega às vivências pessoais que as leituras provocam em quem as escuta. Duas horas de conversa à volta do que dizem os livros, que despertam o interesse em requisitar na biblioteca da Casa da Achada esses ou outros livros, para leituras em casa, de gente habituada a responder: «Eu não costumo ler.»



é crise assina de cruz
 é crise carrega o luto
 é crise e fazer-lhe jus
 é crise pois dói-nos muito
 é crise valem as tretas
 é crise não vale rir
 é crise mudam as tetas
 é crise toca a fugir
 é crise somos piegas
 é crise somos submissos
 é crise vamos às cegas
 é crise de encher
 chouriços
 é crise falta o pastel
 é crise o patrão engorda
 é crise medo a granel
 é crise quem nos acorda?

preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra
 preto perto parto prato prado
 pardo perda pedra



KANTATA DE ALGIBEIRA

Com texto de Regina Guimarães, que trata como tema central o dinheiro, e musicado por João Paulo Esteves da Silva, o espectáculo «Kantata de Algibeira» é o resultado de um trabalho oficial de voz, uma descoberta de si próprio e da possibilidade de descoberta dos outros através das artes. Sons da cidade, instrumentos musicais e vozes faladas ou cantadas entram nesta paisagem musical construída ao longo de três meses pelos participantes – um grande coro formado por gente de todas as idades e formações, sem experiência de palco, grande parte dela moradora na parte velha de Lisboa, sob direcção de Margarida Guia, assistida por F. Pedro Oliveira.

Em co-apresentação da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio e do São Luiz Teatro Municipal, a «Kantata» surge incluída no projecto PALAVRAS QUE O VENTO NÃO LEVARÁ, apoiado pelo PDCM da CML e pela ASSOCIAÇÃO CARDAN (Amiens, França).

A estreia decorrerá terça-feira, 1 de Outubro, Dia da Música, às 18h30, no Jardim de Inverno do São Luiz, sendo que a versão ao ar livre terá lugar sexta-feira, 4 de Outubro às 18h30, no Largo da Achada.

Bom proveito e, já agora, dinheiro para gastos!



O dinheiro é o nervo
 é o nerrrrrrrrrrrrrrrrro
 O dinheiro é o instrumento
 o estrumeeeeeeennnnnto
 o nnnnnervo da república
 e por
 issssssssssssssssssssso
 matttttéria constitucional
 O dinheiro que temos
 é o instrumenteiro
 da liberdaaaaaade
 Aquele de que andamos
 atrásshshshshshshshsh
 - por onde anda o cabrão
 que tanta fffalta nos fffaz? –
 aquele de que andamos
 atrásshshshshshshshsh
 é o iiiiiinstrumento
 da servidão
 (ai sservidão sservidão)
 - e será que também tem
 mais de cem anos
 de perdão?

olá se não
 claro que sim!!!
 desde sempre o capital
 consegue perdão fiscal



Rua da Achada 11, 1100-004 Lisboa. Tel. 218877090. casadaachada@centromariodionisio.org
 www.centromariodionisio.org

ficha 7
 Fabrico caseiro. 29 Setembro 2013